

A INTEMPORALIDADE DE ANTERO DE QUENTAL *

Ana Maria Almeida Martins**

Naquele tempo, no início de Novembro de 1871, quando as Conferências do Casino, velhas de 4 meses, já eram para o seu principal impulsor e primeiro conferente: “Uma aurora mas à qual se não seguiu dia, ou só um dia fusco”¹ (engano o seu), Antero de Quental comunicava a Oliveira Martins a intenção de se candidatar ao lugar de Professor de Literatura no Curso Superior de Letras, em Lisboa: “Afiml resolvi definitivamente ir ao concurso (...) Entre mil concorrentes eu serei sempre o último classificado na minha qualidade de homem perigoso; mas, ainda assim, com esta perspectiva de échouer, convém-me tentar, acrescentando-se que nada perco em estudar dez ou doze meses, certos lados da história que conheço mal (...) Que diz Você a isto francamente?”

Quase de imediato anunciava também a Jaime Batalha Reis ter tomado a resolução de ir ao concurso e como tinha muito que estudar e não o podia fazer com aproveitamento em Lisboa, retirava para o Porto onde teria sossego e vagar.

Mas logo em meados desse mês chegava, na volta do correio, a resposta de Oliveira Martins, enviada de Córdova, Minas de Santa Eufémia, em Espanha, aconselhando previsivelmente o amigo a desistir daquele propósito

* Este artigo equivale à publicação do discurso proferido pela autora em Ponta Delgada, a 21 de Outubro de 2010, na cerimónia da atribuição do grau de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade dos Açores.

** Doutora *Honoris Causa* pela Universidade dos Açores.

¹ Carta a Henrique das Neves, 1-V-1882. Antero de Quental, *Cartas*, (vol. II) Leitura, organização, prefácio e notas de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa; Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

Ao agradecer a franqueza, escrevia Antero: “O que me diz com tanta rectidão, veio confirmar e dar consistência ao que a consciência vagamente me segredava, mas que eu não tinha a força de precisar em ideias e numa resolução. Sentia apenas o falso do que ia fazer, e um vago mal-estar. Muito e muito obrigado meu amigo (...). O que é certo é que não vou ao concurso, e acredite que me sinto aliviado com isso.”

Antero de Quental nunca guardou qualquer correspondência recebida, desconhecendo-se, por essa razão, os termos usados por Oliveira Martins no seu aconselhamento. Mas não será difícil adivinhá-los. O autor de *Portugal Contemporâneo*, cuja escolaridade, é bom não esquecer, se ficara pelo 2º ano dos Liceus (actual 6º ano) possuía, em contrapartida, a sabedoria prática da vida e, sobretudo, das misérias humanas, invejas, despeito, vinganças, que o amigo, em parte, sempre desconheceu. A reprovação de Antero no concurso não lhe oferecia qualquer dúvida – o talento incomoda os medíocres – e por isso, ao aconselhar-lhe a desistência, Oliveira Martins desejou, acima de tudo, poupá-lo a essa humilhação que, a ter acontecido, nunca seria encarada pelo “reprovado” como uma tragédia.

Salvando-o, salvou sobretudo a instituição, a futura Faculdade de Letras de Lisboa, de uma vergonha eterna no seu historial.

Ao “homem perigoso” como ele próprio se intitulou, não faltavam requisitos para ser professor universitário, aliás sobravam-lhe, mas ao júri que o iria examinar não seria difícil, nunca é difícil a quem possui qualquer pequena parcela de poder discricionário, consertar resultados de acordo com as suas preferências, enaltecendo nomes perdidos depois na selva que rodeia o Hospital de Letras, em detrimento dos verdadeiramente notáveis.

Não era o conhecimento, a aptidão pedagógica que estariam em causa, mas sim outro motivo, onde facilmente se poderá descobrir a última palavra de *Os Lusíadas*, sempre presente e sempre actual em muita humana paisagem portuguesa.

Se Antero de Quental não tivesse vivido mais do que 23 anos apenas, ainda assim o seu nome teria entrado na cultura portuguesa pela porta maior e é importante sublinhar que poucos autores verdadeiramente essenciais existem entre nós com tão notável precocidade.

Um dos seus maiores amigos e conterrâneo, João Machado de Faria e Maia, resume admiravelmente o que Antero foi e representou para os seus primeiros condiscípulos coimbrões: “Apesar do desinteresse efectivo e real da nossa dedicação, a verdade é que, sem pensarmos em no-lo provar

a nós mesmos, sentíamos nele uma destas superioridades morais que, iluminada por um talento fora do comum, nos dava a convicção de algum alto destino, que atrai naturalmente “os espíritos capazes de o apreciarem.”²

A publicação de *Odes Modernas*, em Agosto de 1865, está na origem, como sabemos, da nossa ainda hoje maior polémica literária, A Questão Coimbrã, ou do Bom Senso e Bom Gosto.

“A poesia moderna, poesia de combate, é a voz da Revolução”, assim a caracterizou o seu autor. “Um terramoto na velha cidade dos líricos”, lhe chamou Camilo Castelo Branco³. Este livro marca a ruptura com a escola ultra-romântica representada por Castilho, seu pontífice máximo, mestre absoluto dos corrilhos literários da capital, onde promovia jovens poetas e romancistas insignificantes, que o incensavam. “A escola do elogio mútuo” que Antero tão vigorosamente caracterizou e denunciou na “Carta” a Castilho, por exemplo.

Odes Modernas foi o livro com que Valery Larbaud começou a aprender português, conforme escreveu ao amigo Marcel Ray numa carta de Agosto de 1902: “N’est pas sublime?” pergunta após a transcrição, com erros de ortografia, da ode aos pobres, copiada da péssima edição de 1898 da Livraria Chardron, que se encontra no seu espólio. “Cela commence comme une furieuse tempête d’opéra, pour s’adoucir, s’élargir, sourire et mourir, délicieusement faible (...) il y a dans ces quelques vers à la fois du délire et du mouvement oratoire” e após mais algumas observações altamente entusiásticas, termina: “Antero de Quental est un grand poète !!!!!”⁴.

Sem deixar a França, lembremos ainda a visita a Michelet, o seu ídolo, em Paris, no mês de Agosto de 1867, onde se apresentou sob nome de Bettencourt, portador de uma carta e de um exemplar de *Odes Modernas*, de ... Antero de Quental. Foi certamente o desejo de deixar o grande historiador liberto da presença do autor, inibidora, por delicadeza, de um julgamento imparcial, quantas vezes negativo, que o terá levado a essa atitude. Mas ler algumas estrofes da sua própria poesia não seria para o visitante uma prova demasiado exigente para o seu poder de dissimulação? E Michelet, ao ouvir aquele jovem traduzir-lhe, num entusiasmo de criador, poemas que anunciavam a Revolução, a justiça social, não teria concluído que o verdadeiro autor se encontrava na sua frente? Daí talvez a simpatia

² “Memórias”, *Antero de Quental - In Memoriam*, Lisboa: Editorial Presença, Casa dos Açores, 1994. (ed. fac-similada).

³ *Cancioneiro Alegre II*, 2ª ed. Porto: Ernesto Chardron Editores, 1887.

⁴ Valery Larbaud-Marcel Ray, *Correspondence. 1899-1909*. Paris, Gallimard, 1979.

com que os ligou tão intimamente, o amigo e o autor, com uma insistência que ultrapassa qualquer cortesia de circunstância, na carta que escreveu a ... Antero de Quental, a única por ele guardada e oferecida depois a Luís de Magalhães que a legou à Biblioteca Pública de Ponta Delgada: “Votre lettre est, certes, la plus belle que j’ai reçu depuis longtemps (...) Votre charmant ami que j’ai vu avec grand plaisir m’a traduit plusieurs de vos chants qui me semblent admirables” e, a finalizar, não lhe esqueceu voltar a referir esse amigo: “Je vous serre la main très tendrement ainsi qu’à votre ami”⁵.

Porém Castilho não tinha qualquer capacidade para poder apreciar o novo livro embora talvez tenha presentido o perigo que ele representava para o seu trono, para a sua “chefatura anacrônica”⁶.

Como escreveu Fernando Pessoa: “Entre o fim da nossa poesia medieval, que era nossa, e o princípio da escola de Coimbra, em que de novo fomos nossos em verso, a poesia portuguesa decorreu súbdita de influências estranhas. Portugal poético, como nação independente, adormeceu com Gil Vicente e metade de Camões, e só despertou com Antero. O intervalo foi alheio. Em Antero, porém, como em Cesário e outros poucos do tempo, se há influências estranhas, há uso próprio dessas influências. Uma coisa é a influência, que só não sofre quem não vive, outra coisa é a subordinação. Antero é discípulo da filosofia alemã, porém a poesia de Antero não é discípula de coisa alguma”⁷.

Daí o espanto, a troça plebeia e insultuosa de que foi vítima, pela estranheza que aquela poesia provocava, “Como se lhes rebentasse aos pés uma bomba de dinamite”, nas palavras de Cândido de Figueiredo⁸. Para o irmão de Castilho, José Barreto e Noronha, Antero era o “exterminador de tudo o que na terra se venera”⁹, enquanto Júlio de Castilho não encontrou melhor maneira de defender a honra paterna do que chamar Lutero de Quental ao seu antigo amigo de infância¹⁰.

Era a poesia do sentimento piegas contra a poesia social.

Às alusões indirectas de Castilho publicitadas em carta aberta, de prefácio a um seu seguidor, sem coragem para frontalmente assumir a re-

⁵ Ana Maria Almeida Martins, *Antero de Quental - Fotobiografia*, Lisboa; Imprensa Nacional, Casa da Moeda - Câmara Municipal de Ponta Delgada, 2008.

⁶ *Bom Senso e Bom Gosto - Carta ao Exmo Sr. António Feliciano de Castilho*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1865.

⁷ Prefácio a *Antologia de Poemas Portugueses Modernos*. Lisboa: Solução Editora, 1929.

⁸ “Antero de Quental” in *Galeria de Poetas Contemporâneos*. Lisboa, Tip. Universal, 1881.

⁹ *A Escola de Coimbra*. Lisboa, Tipografia do Futuro, 1866.

¹⁰ *O Sr. António Feliciano de Castilho e o Sr. Antero de Quental*. Lisboa, Imp. de J. de Sousa Neves, Novembro de 1865.

provação das *Odes Modernas*, tinha Antero respondido com o folheto *Bom Senso e Bom Gosto – Carta ao Exmo Senhor António Feliciano de Castilho* seguido de *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais e Provas tiradas das principais obras do Sr. António Feliciano de Castilho*, trindade que é a verdadeira certidão de nascimento da célebre Geração de 70, aquela que, tendo adquirido entre nós um estatuto tão inconfundível, permite não deixar dúvidas quanto ao século em que se situa.

Obra de ruptura e inovação, de “dizer e não de repetir, de inventar e não de copiar”¹¹, certas passagens deste libelo já se adivinhavam, por exemplo na crítica às *Meditações Poéticas*, de Lamartine, escrita aos 18 anos, num desses artigos para as revistas de Coimbra¹², que tão pouca atenção têm merecido: “Para falar a linguagem da poesia não foi necessário decorar o dicionário mitológico, subir ao Parnaso, ou beber as águas de Agaripe; a linguagem fictícia foi substituída pela realidade” de que vamos encontrar rasto na célebre passagem da carta a Castilho: “Não é traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grécia e de Roma, requeitando fábulas insensas diluídas em milhares de versos sensabores, (...) com alusões mitológicas que já faziam bocejar nossos avós, (...) com banalidades, com ninharias (...) que se hão-de produzir as ideias, as ciências, as crenças, os sentimentos de que a humanidade contemporânea precisa para se reformar”.

Em 1942, ano do centenário, Manuel Bandeira chamava a atenção para a importância da prosa anterior referindo o costume de se apontar Eça de Queiroz como modernizador da prosa lusa: “Basta porém a carta *Bom Senso e Bom Gosto* para se provar que se houve reforma da prosa portuguesa ela já estava evidente no famoso escrito de Antero”¹³.

O grande poeta brasileiro terá sido um precursor nestes elogios. Mas também o queiroziano Guerra da Cal sustenta ter o nosso autor precedido e influenciado Eça, com uma prosa polémica, fluidez oral e vocabulário espontâneo¹⁴. António Sérgio considerou Antero o mais sóbrio, o mais puro, o mais clássico dos nossos prosadores¹⁵ enquanto Eduardo Lourenço põe em relevo a sua prosa musical, polémica e crítica¹⁶ e António Lobo Antunes enaltece a

¹¹ *Bom Senso e Bom Gosto*, op. cit.

¹² *O Fósforo*, n.ºs 1 e 2. Coimbra, Novembro 1860.

¹³ Prefácio a *Sonetos Completos e Poemas Escolhidos de Antero de Quental*, incluído em *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro, José de Aguiar Editor, 1958.

¹⁴ *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*. Coimbra, Liv. Almedina, 1981.

¹⁵ Prefácio a *Dispersos de Oliveira Martins*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1923.

¹⁶ “Le Destin - Antero de Quental - Poésie, Révolution, Sainteté” in *Antero ou a Noite Intacta*. Lisboa, Gradiva, 2007.

¹⁷ Maria Luísa Blanco, *Conversas com António Lobo Antunes*. Lisboa, Edições D. Quixote, 2002.

prosa luminosa, magnífica, de um homem que sabe substantivar adjetivos¹⁷.

Com efeito, quando lemos os textos escritos por Antero durante a polémica, que durou 6 meses e produziu mais de 50 títulos, uns contra (a maioria) outros a favor da escola de Coimbra, só temos de felicitar e concordar com todos esses nomes maiores da nossa cultura.

Mas se tanto a *Carta a Castilho* como *A Dignidade das Letras* são dois documentos fundamentais, não podemos deixar de assinalar o terceiro deles e menos referenciado: *Provas tiradas das principais obras do Sr. António Feliciano de Castilho*, onde analisa e nega qualidades culturais e estéticas a cada uma delas. Registe-se como Antero trabalhou, e trabalhou arduamente, lendo ao pormenor várias obras do seu antagonista antes de elegantemente demolir o até ali príncipe dos intelectuais portugueses, seu antigo professor de Francês quando tinha dez anos de idade e, simultaneamente, antigo vizinho na Rua do Lameiro, em Ponta Delgada. Picardias do destino: é a actual Rua do Castilho.

Fê-lo sem recorrer a efeitos especiais de comicidade, como sucede frequentemente com Eça de Queiroz, antes usando um tom de ironia bem anterior, a “divina ironia salvadora”¹⁸, mas nem por isso sendo menos convincente. Ouçamos um pequeníssimo exemplo tirado da análise a uma das obras castilhianas mais aplaudidas: *A Noite do Castelo*: “Ah! A Noite do Castelo! Mas é um verdadeiro castelo de cartas aquele castelo, e aquela noite uma verdadeira noite de teatro. O castelo, à borda dum lago, romanesco, elegíaco, e trágico ao mesmo tempo. (...) Há um cavaleiro, um simpático tirano. (...) E não esquece a donzela, tão formosa como pérfida... O cavaleiro, ao chegar da Palestina, (ainda se chega da Palestina nos poemas do Sr. Castilho!) vê-se traído pela ingrata que já mal o conhece. Era de esperar: e como também é de supor há imprecações e choros e terrores e muitas frases atrozes e ferozes, conquanto sempre em estilo doce, brando e encantador. Tudo isto é dum efeito admirável: mas seguramente não é gótico, nem moderno nem antigo, nem meia-idade, nem romântico nem histórico. Não se sabe o que é. É o fantasiado mundo romanesco (...) cheio de frases imensas e pequeninos sentimentos, (...) com ditos à Shakespeare e pensamentos dignos do Sr. Conselheiro Bastos!”. Este Conselheiro Bastos será talvez um parente do nosso conhecido e queirosiano Conselheiro Acácio e até de tantos outros conselheiros nossos contemporâneos.

No final deste texto Antero assume ter cometido um desacato, mas não se penitenciava nem pedia desculpa ao público. Ele é que lhe iria agra-

¹⁸ Carta a João Lobo de Moura, 17-VII-1878. Antero de Quental, *Cartas*, (vol. I) op.cit.

decer depois. “Estas coisas estavam por dizer: tinham que ser ditas (...) Vejo que nesta pequena questão literária está envolvida uma coisa de algum valor – a maior liberdade do pensamento e os progressos do espírito. É quanto basta para me consolar; para me alegrar até”.

E muito havia ainda para ser feito e dito. Entre 1867 e 1871 este “pequeno Lassalle”, como se auto crismou, colaborou na fundação de associações operárias, publicou folhetos de propaganda, mas sobretudo, projectou e organizou, juntamente com Jaime Batalha Reis, as Conferências do Casino, verdadeiramente a primeira tentativa para aproximar Portugal, política, social e culturalmente, do resto da Europa da qual nos afastáramos, ou nos afastaram, por razões que ele vigorosamente denunciou no seu mais conhecido texto em prosa – *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Três Últimos Séculos*.

Opondo-se à proposta municipalista e burguesa de Alexandre Herculano, autor que no entanto admirou profundamente, Antero defendia antes a utopia proudhoniana federalista com recusa enérgica da linha marxista numa abertura de espírito e de percepção política tão adiantada no tempo que confessadamente inspirou Melo Antunes nos seus anos de Ponta Delgada onde, com toda a probabilidade, conheceu e leu a famosa conferência.

Causas da Decadência dos Povos Peninsulares é bem o pequeno livro mais do que apropriado para figurar em todas as estantes portuguesas, para meditação e ensino, quanto mais não seja.

No notável prefácio da sua mais recente reedição, em 2008¹⁹, Eduardo Lourenço considera as “Causas” um texto que “desde o seu nascimento se tornou na referência mítica da cultura portuguesa moderna ou, com mais precisão, o seu próprio acto fundador”. Pudesse Antero ter conhecido esta leitura que o consagra e recompensaria de tanta incompreensão, desconhecimento ou até mesmo animosidade. E para voltar a Eduardo Lourenço: “Ninguém entre nós pôs tanta paixão no propósito de decifrar e ao mesmo tempo emendar o destino português do que Antero”²⁰.

Temos assim que nos dois acontecimentos culturais e, ambos simultaneamente políticos, de longe mais significativos da segunda metade do século XIX, visando a modernização de uma pátria tão decadente, a figura de Antero de Quental se nos impõe no seu empenho pela aproximação (ou seria já integração?) de Portugal na Europa, contra o “orgulhosamente sós” que ciclicamente atinge a sociedade portuguesa.

Pouca coisa, para quem vem sendo considerado como ocioso ou

¹⁹ Lisboa, Tinta da China, 2008.

²⁰ “Antero, Hegel e as Causas da Decadência” in *Antero ou a Noite Intacta*. op. cit.

mesmo inactivo, ele, tão operoso já desde os bancos da Universidade, onde não foi o mau aluno que a lenda fabricou e basta consultar os registos de notas de todo o curso, mas de onde é hábito destacar, e fabular e inflacionar o lado boémio, normal entre estudantes. Artigos, ensaios, alguns pela primeira vez em Portugal sobre Lamartine, Nerval ou Michelet; “O futuro da música”, “O sentimento da Imortalidade”, “A indiferença em política”, tantos e tantos mais, *A Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX*, estudado por Eduardo Lourenço num dos seus admiráveis ensaios. “A influência da Mulher na Civilização” e “A educação das Mulheres”, dois pioneiros e corajosos artigos numa época particularmente misógina. “A Mulher, a obra-prima da criação”, ideia bem reconfortante, ainda hoje, para mais de cinquenta por cento da humanidade...

Também muitas páginas da sua correspondência são verdadeiros ensaios, com destaque, por exemplo, para a carta a Oliveira Martins²¹ onde critica o artigo do amigo “Da moral religiosa entre os gregos”, publicado na *Revista Ocidental*, que dirigiu em 1875, juntamente com Jaime Batalha Reis, uma espécie de prolongamento dos objectivos enunciados no programa das Conferências do Casino tão despoticamente interrompido.

A *Revista Ocidental* destinou-se a promover uma relação mais sadia entre portugueses e espanhóis, incluindo também os países latinos do outro lado do Atlântico Sul, Brasil e América espanhola. A sua curta vida, de cerca de 7 meses, foi recheada de contratempos e desconfianças. Qualificada de ibérica, palavra assustadora para os que temiam a nossa dissolução no todo peninsular, a sua existência foi pensada e surgiu adiantada no tempo, com muitos objectivos políticos, económicos e culturais defendidos na revista, que contava com colaboradores espanhóis, brasileiros, argentinos, a serem só agora atingidos, como as actuais e amigáveis cimeiras ibero-americanas amplamente demonstram.

Também o universo da política europeia do seu tempo teve em Antero um espectador empenhado como por exemplo na unificação italiana pela qual, aliás, desejou combater integrado nos exércitos de Garibaldi.

Discípulo de Proudhon, o federalismo republicano dos Estados Unidos da América surge em vários dos seus escritos políticos como o exemplo da realização prática dessa doutrina descentralizadora muito da sua predilecção.

“Foi uma das inteligências mais assombrosamente dotadas que ilustraram o Portugal contemporâneo”, assim Sampaio Bruno nos descreve

²¹ Carta a Oliveira Martins, 25-VIII-1875. Antero de Quental, *Cartas*, (vol. I) op. cit.

²² *A Geração Nova*. Porto: Tip. A. J. Silva Teixeira, 1886.

Antero²² e Filomeno da Câmara de Melo Cabral, seu conterrâneo e rival vitorioso junto de Mariana Portocarrero, relata como no decurso de vários debates sucedia calarem-se todos dominados pela sua palavra prestigiosa que sabia apresentar aspectos completamente novos e abrir horizontes que eles não tinham sabido descortinar²³.

Mas se a par da política, da literatura, os grandes nomes europeus e também americanos, com destaque para Edgar Allan Poe, lhe suscitaram estudos e reflexão, as ciências nunca o deixaram indiferente, pelo contrário, caso bastante singular entre os intelectuais do século XIX e também da actualidade, onde o divórcio ainda continua.

Basta consultar a sua biblioteca e percorrer, entre outras, as obras de Berthelot, (*A Síntese química*), Flammarion, Heale, Huxley, Réclus, e Galileu (*I dialoghi sui massimi sistemi Tolomaico e Copernicano*).

Guiados pelo micalense Mariano Machado de Faria e Maia, engenheiro e director geral das obras públicas, em Lisboa, ficamos a saber ter sido a ele que coube, juntamente com José Falcão, a tarefa de iniciar Antero nos estudos da matemática, cujos objectivos, garante, ele compreendia. “Dedicava grande atenção às questões científicas. A hipótese cosmogónica de Laplace encantava aquela extraordinária existência”²⁴. Igualmente as obras de Darwin, a teoria atómica, a hipótese da unidade das forças físicas eram temas de constantes conversas e discussões. Recorde-se ainda o breve encontro de Antero com Arruda Furtado num dos últimos meses de vida do jovem naturalista, único correspondente português de Darwin, falecido em Julho de 1887, três meses após a chegada do poeta à Ilha, nesse mesmo ano, e em cujo livro *Estudo Antropológico dos Povos Açorianos*, oferecido a Antero se pode ler a dedicatória: “A Antero de Quental fraco tributo de admiração e respeito”. E lembrada será a confissão a Wilhelm Storck, na carta autobiográfica: “Devorava com igual voracidade romances e livros de ciências naturais”.

Deste homem, um dos nossos raros heróis culturais, para voltar a citar Eduardo Lourenço²⁵, o que resta no ensino secundário e universitário do seu país? Quase nada!

Fica o poeta, aparentemente o mais fácil num país dito de poetas. De muitos, maus poetas e de alguns excelentes, excepcionais mesmo, como em toda a parte. “Os versos são a praga da literatura portuguesa pelo carácter banal que a versalhada imprime a todos os jornais literários”²⁶. É o próprio

²³ “Anos de Coimbra”, *Anthero de Quental - In Memoriam*, op. cit.

²⁴ “Recordações Queridas”, *Anthero de Quental - In Memoriam*, op. cit.

²⁵ *Nós e a Europa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994.

²⁶ Carta a Oliveira Martins, 23-VIII-1877. Antero de Quental, *Cartas*, (vol. I) op. cit.

Antero quem assim define a pseudo aptidão poética generalizada dos seus concidadãos.

Mas ele é um grande poeta, um dos nossos maiores sonetistas, na linha de Camões ou Bocage. “Há sonetos seus que viverão enquanto viva for a memória dos povos”, como os caracterizou Miguel de Unamuno²⁷. Porém, os ensinamentos oficiais, quando a ocasião se apresenta, e apresenta-se cada vez menos, quase se limitam a submetê-los ao espartilho da análise textual, por vezes, pretenciosa e desmotivadora.

Diante de um cenário onde não se vislumbra qualquer ponta de emoção, que é a base da inteligência, como nos ensina António Damásio²⁸, nessa defesa da autonomia do texto face à biografia, por vezes ainda assim benéfica dada a ignorância ou a péssima utilização dessa biografia, não admira que a maioria dos alunos ganhe aversão às literaturas e não lhes sintam qualquer utilidade.

Sonetos Completos é uma das jóias mais preciosas da nossa cultura e, tão a propósito, como sempre, ouçamos de novo Eduardo Lourenço: “Roteiro da angustiada viagem, os *Sonetos* só podiam dar notícia de um combate sem precedentes na literatura nacional. Justamente, deram-nos a primeira imagem de uma Poesia que misteriosamente saía fora da Poesia. Aí havia algo que não era do jogo tantas vezes jogado. De brasão o poema virava lança e a lança apontava o lado eternamente ferido pela dor do mundo (...) A partir de Antero pode contar-se um tempo poético especial, ao qual a palavra “Moderno” dá um começo de corpo”²⁹. É esta, quanto a mim, a mais admirável definição deste genial livro de poesia.

António Sérgio, na sua edição dos *Sonetos*, oficialmente adoptada durante décadas, ousou alterar completamente e sem respeito algum, a ordenação do autor, para quem, *Sonetos Completos* “é uma espécie de autobiografia poética e psicológica”³⁰ e por isso os apresentou numa ordem cronológica, real ou fictícia, mas a sua, por conseguinte a ser rigorosamente acatada.

Os *Sonetos Completos* organizados por Antero terminam com “Solemnia Verba” (“Viver não foi em vão se é isto a vida, /Nem foi demais

²⁷ “La Literatura Portuguesa Contemporânea” in *Por Tierras de Portugal Y de España*, Madrid, Biblioteca Renascimento, 1911.

²⁸ *O Erro de Descartes* -Lisboa, Publicações Europa-América, 1995

²⁹ “Dialéctica Mítica da Poesia Moderna Portuguesa I - De Antero a António Nobre”, *Nova Magazine de Poesia e Desenho*, nº 2. Lisboa: ed. do Jornal do Fundão, 1976.

³⁰ Carta a Francisco Machado de Faria e Maia, 28-III-1885. Antero de Quental, *Cartas*, (vol. II), op. cit.

o desengano e a dor”) e “Na Mão de Deus”. Não pode ter qualquer outro final.

“O que sinto”, escreveu a Fernando Leal, em Novembro de 1886, “é que o que ali há de novo e profundo seja tão pouco e se reduza a 20 ou 30 dos últimos sonetos. Meti neles o melhor da minha Filosofia, à espera do dia em que a possa desenvolver largamente e em boa prosa”.

Essa boa prosa, a seguir a *Sonetos* foi, como sabemos, o ensaio *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*, publicado na *Revista de Portugal*, incessantemente reclamado pelo director, Eça de Queiroz, e com um lugar fundamental na muito reduzida literatura filosófica portuguesa.

Tratou-se, na opinião de Antero, de “coisa sumária”, mas que depois de ampliado, daria um livro³¹, e com essa intenção embarcou para São Miguel na derradeira viagem, em Junho de 1891.

Mas um dos tópicos desse ensaio já estava delineado na carta a Storck: o seu conceito de liberdade apenas alcançável na santidade através da renúncia a todo o egoísmo. Essa carta, escrita em Ponta Delgada, no dia 14 de Maio de 1887, aproveitou-a o destinatário para prólogo à sua tradução dos *Sonetos*, tão bem recebida na Alemanha, com numerosas recensões em importantes revistas literárias.

Ausgewählte Sonette, o único livro de sua autoria que Antero guardou, chegou a Yasnaia Poliana pela mão de Jaime de Magalhães Lima, um devoto do autor de *Guerra e Paz*.

Que Tolstoi leu, e leu atentamente as palavras do nosso poeta, atesta-o o seu *Diário* de 15 de Março de 1889³²: “Li Quental. Ótimo. Diz ele que...” e transcreve *ipsis verbis* em russo, a partir da tradução alemã, o português de Antero, na passagem que principia: “A liberdade (...) não é uma palavra vã: ela é possível e realiza-se na santidade”³³, e Tolstoi termina esta longa transcrição/tradução de novo com um “Ótimo”.

Não haverá muitos escritores portugueses, se é que existe algum, com quem Tolstoi tenha manifestado tamanha concordância.

³¹ Carta a Oliveira Martins, 26-XI-1889. Antero de Quental, *Cartas*, (vol.III) op. cit.

³² EDGERTON, William B. - “Tolstoi and Magalhães Lima” in *Comparative Literature*, University of Oregon, Vol. XXVIII, Winter 1976, number 1.

³³ Tal como se lê na carta autobiográfica traduzida para alemão, incluída em *Anthero de Quental - Ausgewählte Sonette, aus dem Portugiesischen verdeutsch von Wilhelm Storck, Paderborn und Münster, Druck und Verlag von Ferdinand Schöningh, 1887.*

A vida de Antero de Quental não é a sua morte, é a sua obra!

Analisar um génio precipitadamente, decretar sobre ele teorias primárias sobre depressões, tentando encaixá-lo em moldes previamente fabricados e baseados em teorias constantemente revistas e rapidamente ultrapassadas, tem sido um exercício frequente a que Antero vem sendo submetido quase desde 11 de Setembro de 1891. Esquadrinhando aqui e ali exemplos fora do contexto, método que pode levar a conclusões perfeitamente opostas, não se afigura louvável e muito menos decisivo.

Na ausência de um conhecimento rigoroso da sua obra, poética, ensaística, política até, tornou-se mais cómodo e proveitoso reduzi-lo a uma figura pitoresca e extravagante, à custa de episódios quantas vezes inventados.

Um desses episódios, por exemplo, aquele, repetidamente mencionado, do seu desafio a Deus, intimando-o – no caso de existir – a fulminá-lo com um raio, em noite de trovoada, vem todo em Alfred de Musset, na *Confession d'un enfant du Siècle*, editado em 1836 e lido pela academia coimbrã, como está amplamente historiado³⁴. Posteriormente, alguém amparado numa sólida ignorância generalizada, terá julgado a cena perfeita para nela inserir Antero, alimentando e reforçando a lenda que já o envolvia e continua a envolver.

Mesmo não passando de uma brincadeira, de divertida inspiração livresca, seria sempre uma blasfémia, impensável por parte de quem sempre acreditou, palavras suas, na realidade ideal de Deus³⁵, tão importante em toda a sua vida e muito na sua obra, logo desde a infância; sabemos-lo também por uma carta ao amigo micalense Augusto Bicudo Correia, escrita aos 15 anos, onde recordava sua mãe, Ana de Quental que, “apontando o sol moribundo nas orlas do horizonte e meio mergulhado no Oceano lhe dizia de amar a Deus e aos homens”³⁶. Esse sol moribundo prestes a mergulhar no Oceano é o sol do Ramalho da sua meninice na Ilha, nesta Ilha, palavra sempre escrita com maiúscula nas cartas, e cuja lembrança maravilhada nunca o abandonou. “Que efeito lhe fez o mar, o velho misterioso? E essas terras semitropicais, com os seus aspectos singulares e chineses, o seu “grande em ponto pequeno” e a sua vegetação sombria?” Perguntava, de Lisboa, em Janeiro de 1880, ao seu amigo Lobo de Moura, acidental-

³⁴ Entre outros por Eça de Queiroz, no *In Memoriam*, Camilo Castelo Branco em *Vaidades Irritadas e Irritantes*, para além do próprio Antero que admirava principalmente o Musset poeta. Na sua biblioteca constam: *Premières poésies de Alfred Musset: 1829-1835*. Paris, 1863, e *Poésies nouvelles de Alfred Musset: 1836-1852*. Paris, 1864.

³⁵ Carta a Oliveira Martins, 20-XI-1876, Antero de Quental, *Cartas*, (vol. I) op. cit.

³⁶ Carta datada de Coimbra, 1857 e depois parcialmente apresentada na revista *O Fósforo* n° 5 com o título “A Pátria”. Antero de Quental, *Cartas*, (vol. I) op. cit.

mente juiz em Vila Franca do Campo. “Eu gosto da vila onde Você habita, mas provavelmente gosto por motivos todos subjectivos”.

Um desses aspectos chineses seria, quem sabe, a indústria do chá, por ele apreciada, principalmente a do verde, com explicava a Francisco Machado de Faria e Maia, em 27 de Setembro de 1888, incentivando-o a desenvolvê-la tantos anos antes desta cultura, ainda hoje única em toda a Europa, ter alcançado o sucesso que conhecemos.

Por fim regressou à sua Ilha num fechar de ciclo com o mar por paisagem. Este mar dos Açores “largo e fundo” do soneto “A Santos Valente”, e cantado em tantos dos seus versos.

Antero de Quental não é só o poeta dos sonetos pessimistas, do Campo de São Francisco, do banco, da âncora, sem esquecer a Esperança. Na sua obra, e só ela o imortaliza, existe sempre uma palavra, uma interrogação, uma ideia, a pedir leituras repetidas, como quem percorre versículos de um evangelho e faz dele um autor que nunca envelhece. “Cada nação tem os representantes do seu génio”, escrevia em Março de 1874, acrescentando: “Nós temos Camões, mas creio que o ignoramos”³⁷.

Mais de cem anos passados, também temos Antero, mas também creio que o ignoramos.

Não poderia estar em melhor companhia.

³⁷ Carta a Lobo de Moura, Março de 1874, Antero de Quental, *Cartas*, (vol. I) op. cit.